

## O ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO PARA SURDOS NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

Gérison Kézio; Anny Wanneska; Marisa Pascarelli Agrello

(Universidade Federal do Maranhão - UFMA, [gerisonkezio@ufma.br](mailto:gerisonkezio@ufma.br); Universidade Estadual do Ceará - UECE [annyloureirobr@gmail.com](mailto:annyloureirobr@gmail.com); Instituto Superior de Teologia Aplicada – Faculdades INTA [marisagrello@gmail.com](mailto:marisagrello@gmail.com))

**Resumo do artigo:** O estudo aborda a relação do psicopedagogo no processo de ensinagem de dois estudantes com surdez em uma Instituição de Educação Superior privada na cidade de Sobral – CE, enfatizando a parceria entre profissionais, família e estudantes no ambiente sócio educacional. Tendo como objetivo refletir sobre a ação psicopedagógica no ambiente educacional do sujeito surdo a partir de suas concepções de identidade cultural. Evidenciando que a Língua de Sinais atua como eixo central da relação pedagógica afirmando as pessoas surdas como indivíduos participantes da comunidade humana, permitindo a eles partilhar, ampliar o conhecimento socialmente construindo e exercer a sua cidadania. A Libras pode colaborar na comunidade escolar e na comunidade social para que elas se modifiquem e se abram para o surdo. Sua metodologia concentra-se em uma revisão bibliográfica sob a perspectiva da psicopedagogia como mediadora do processo de ensinagem, concepções sobre cultura e identidade surda e uma pesquisa de campo apresentando relatos de experiências vivenciados em dois estudos de caso, com intuito de interpretar a realidade que está sendo investigada. Quanto aos resultados, o estudo indicou que, o estudante com Identidade Surda, apesar de suas dificuldades no processo de leitura e escrita apresentava facilidade na socialização entre professores e colegas de curso, bem como bom desempenho nos estudos. O estudante com Identidade Flutuante, além de as dificuldades no processo de leitura e escrita apresentava dificuldades de socialização com professores e colegas de curso, bem como desempenho abaixo do esperado para os matriculados no curso. Concluímos que a contribuição do psicopedagogo no processo de ensinagem dos estudantes em questão se efetivará mediante o redimensionamento de ações familiares e do próprio estudante no sentido de acreditar no desenvolvimento de suas potencialidades, percebendo-se, primeiramente, como uma pessoa surda e não como um “deficiente”. E no desenvolvimento de ações didáticas pedagógicas que trabalhem o aprimoramento das estruturas cognitivas, afetivas e sociais, vislumbrando nessa perspectiva sua autonomia e independência.

**Palavras-Chave:** Identidade Surda, Libras, Surdez, Psicopedagogia.

### Introdução

A qualidade do trabalho psicopedagógico está associada à capacidade de promoção de avanços no desenvolvimento do estudante, ou seja, o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento. A Psicopedagogia proporciona o encontro do investigar, do aprender com os estudantes com a busca criativa que nos leva a libertar a inteligência, antes “aprisionada”, desprender-se deixando livre o pensar, o conhecer e o crescer do ser humano. Embasamos nosso estudo bibliográfico na área da surdez nas pesquisas de Perlin (1998, 2002 e 2003), Sacks (1998), Lanne (1992 e 2008), Skliar (1988), Strobel (2008) e Padden e Humphries (2000) e na área da Psicopedagogia em Pain (1992 e 2000), Bossa (2000) e Weiss (1992).

Temos como objetivo refletir sobre a ação psicopedagógica no ambiente educacional do sujeito surdo a partir de suas concepções de identidade cultural. Evidenciar que a Língua de Sinais atua como eixo central da relação pedagógica afirmando as pessoas surdas como indivíduos participantes da comunidade humana, permitindo a eles partilhar, ampliar o conhecimento socialmente construindo e exercer a sua cidadania.

Para uma melhor atuação Psicopedagógica no acompanhamento do processo de ensinagem<sup>1</sup> do surdo esse profissional deve conhecer os Estudos Culturais do Surdo, visto que o processo de avaliação, intervenção e mediações psicopedagógicas à luz desses estudos possibilitam uma maior reflexão e abordagem condizente a sua percepção de mundo.

O psicopedagogo delimita a aprendizagem, as procedências e busca a interação do sujeito ao meio, utilizando, em seu trabalho, como recursos, entrevistas com a família, com o aprendente, para conhecer a sua história de vida que denominamos “anamnese”, cuja origem da palavra vem do **Grego**: “*anammesis*” “lembança, ato de trazer à mente”, formada por “*ana*”, “para trás”, mais a raiz de “*mnesi*”, “recordar, fazer lembrar, memória”, que nos faz conhecer os motivos do encaminhamento da pessoa, ao processo de avaliação para o levantamento de hipóteses das possíveis causas que impedem ou dificultam o processo de aprendizagem ao atendimento psicopedagógico seja pela família, pela escola, pelo trabalho ou pelo próprio aprendente.

Um processo compartilhado de coleta e análise de informações relevantes acerca dos vários elementos que intervêm no processo de ensino e aprendizagem, visando identificar as necessidades educativas de determinados alunos ou alunas que apresentem dificuldades em seu desenvolvimento pessoal ou desajustes com respeito ao currículo escolar por causas diversas, e a fundamentar as decisões a respeito da proposta curricular e do tipo de suportes necessários para avançar no desenvolvimento das várias capacidades e para o desenvolvimento da instituição (COLL, MARCHESE E PALACIOS, 2007, p. 279).

Ao que se refere às atividades utilizadas que possibilitam o processo de diagnóstico, conforme Bossa (2010) pode-se destacar: as Provas Cognitivas; Testes Projetivos (Par Educativo e Família de Trinca); Avaliação Perceptomotora; Teste de Análise e Síntese (Rossolino e André Rey); Provas de Figura – Fundo (Liana Dallari e Ruth Bompert Araujo); Provas de Percepção Visual (Julio B. Quirós); Prova de Esquema Corporal – Manequim de Pitner (Grace Arthur); Prova de Noção Espacial e Grafismo (F. Olmo baseado em Sabadel); Prova de Cálculos (Central Didática); Provas de Nível de Pensamento (Piaget); Avaliação do

---

<sup>1</sup>Termo usado para exemplificar uma situação de ensino da qual necessariamente ocorra à aprendizagem, parceria entre professor e estudante, condição crucial para o enfrentamento do conhecimento, indispensável à construção do estudante na graduação. ANASTASIOU, L. G. C., Curitiba: IBPEX, 1998. (83) 3322.3222

Nível Pedagógico (nível de escolaridade); Desenho da família; Desenho da figura humana; Testes psicomotores; Lateralidade; Estruturas rítmicas (Mira Stambak), entre demais testes e atividades que o possibilite realizarem suas observações.

Para Pain (1992, p.69), “uma vez recolhida toda a informação (...) é necessário avaliar o peso de cada fator na ocorrência do transtorno da aprendizagem”. A partir da análise dos dados coletados no processo avaliação faz-se necessário formular a hipótese principal, a partir da queixa inicial, para que ocorram recomendações e indicações específicas. Após a análise de todos os aspectos em questão, segue-se uma síntese e um encaminhamento. Conforme Pain (2000, p. 72), “(...) talvez o momento mais importante desta aprendizagem seja a entrevista dedicada à devolução do diagnóstico, entrevista que se realiza primeiramente com o sujeito e depois com os pais”. Faz-se necessário evidenciar os dados do aprendente em três áreas: pedagógica, cognitiva e afetivo-social (WEISS, 1992).

Atualmente o psicopedagogo precisa antes da entrevista da devolutiva analisar bem qual a maior prioridade do aprendente, ou seja, se é o atendimento psicopedagógico, ou se a causa primeira da dificuldade apresentada é de origem emocional; neurológica; de estrutura familiar; de proposta pedagógica para com seriedade, ética, responsabilidade e pensando primeiramente no ser humano que está alí necessitando de ajuda, seja realmente atendido em suas necessidades primordiais. Os aspectos positivos devem ser evidenciados inicialmente valorizando a autoestima do educando, pois muitas vezes o foco unicamente em seus aspectos a serem trabalhados tendem inviabilizar a possibilidade de novas conquistas. Após evidenciar os aspectos positivos, os tópicos causadores das dificuldades de aprendizagem devem ser pontuados, em seguida as recomendações e os possíveis encaminhamentos.

A contribuição do psicopedagogo no processo de ensinagem dos estudantes surdos se efetivará mediante o redimensionamento de ações familiares e do próprio estudante no sentido de acreditar no desenvolvimento de suas potencialidades e no desenvolvimento de ações didáticas pedagógicas que trabalhem o aprimoramento das estruturas cognitivas, afetivas e sociais, vislumbrando, nessa perspectiva, sua autonomia e independência.

A Libras assume um lugar de destaque nas comunidades surdas brasileiras, surdos que possuem acesso a língua de sinais e a participação da comunidade surda em sua vida educacional, social e política possui uma maior segurança, autoestima e desenvolve sua identidade cultural. Formando uma comunidade linguística minoritária que compartilham experiências visuais, os surdos utilizam-se da língua



de sinais para compartilhar, conhecer e ensinar os membros e não membros de comunidade surda<sup>2</sup>.

Ao longo de sua história o sujeito surdo<sup>3</sup> viveu a margem da cultura do outro, sendo oprimido pelo pensamento ouvintista<sup>4</sup>, através dos Movimentos Surdos<sup>5</sup> suas organizações políticas avançaram, proporcionando a busca pela superação da marginalização, construindo espaços de convivência, diálogo e luta. Através desses espaços, projetaram mobilizações em busca do rompimento do estereótipo que ameaçaram seus direitos, sua cidadania. A luta pelo direito de ser surdo evidenciou sua língua, que por diversas vezes fora oprimida pela língua majoritária, que é a identidade do Povo Surdo<sup>6</sup>. Povos que mesmo vivendo em localidades diferentes e distantes compartilham de costumes, tradições, peculiaridades e história que constroem a partir da percepção visual.

Ser surdo<sup>7</sup> é ser evidenciado no mundo, professar suas ideias, pensamento, língua, concepções e visões é abdicar a incapacidade, a deficiência<sup>8</sup>, a normatização<sup>9</sup>. Voltar-se para sua história como elemento integrante de um grupo organizado que compartilha crenças, linguagens, uso e costumes; é objeto de estudo da visão sócio antropológica da surdez. A Antropologia nos permite compreender o homem nas diversas culturas, produzindo cultura e sendo produzido por ela.

A identidade, as manifestações culturais do surdo por muito tempo foram 'mascaradas' e sua língua, oprimida. Surdos brasileiros, assim como surdos de outras nacionalidades identificam-se como Surdos<sup>10</sup> e não como Deficientes Auditivos e criticam a terminologia Surdo-mudo. Essa terminologia talvez seja uma das mais antigas denominações atribuídas aos sujeitos surdos que são "falantes" de uma língua própria, dessa forma, mesmo quando não vocalizam surdos "falam" através das línguas de sinais, não cabendo a

---

<sup>2</sup> Na comunidade surda há ouvintes membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns dos surdos (STROBEL, 2008, p.29).

<sup>3</sup> A comunidade surda usa o termo 'surdo', pois entendem que essa denominação engloba uma diferença cultural.

<sup>4</sup> Para Perlin, (1998, p. 58) o ouvintismo deriva de uma proximidade particular que se dá entre ouvintes e surdos, na qual o ouvinte sempre está em posição de superioridade.

<sup>5</sup> O Movimento Surdo, no mundo, proporcionou uma organização política que avança no sentido de superar a marginalização, trazendo esse sujeito para os espaços que o enxerguem como um cidadão.

<sup>6</sup> Estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam os mesmos locais, mas que estão ligados por uma origem como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços. Strobel (2008, p.29).

<sup>7</sup> O conceito de ser surdo confirma o surdo. Assim, dentro das posições culturais, a palavra ser surdo assume uma política para a identidade, diferença e alteridade. (PERLIN, 2003).

<sup>8</sup> A surdez é vista como deficiência em relação à comunidade ouvinte, colocando os surdos em desvantagem. O conhecimento na área médica classifica o surdo em graus de perda auditiva. (SKLIAR, 1988)

<sup>9</sup> Visão que recai sobre a patologia, a necessidade de intervenção clínica, a oralidade deve ser adquirida.

<sup>10</sup> Segundo os linguistas Padden e Humphries (2000), surdos americanos optam por 'Deaf'. 'Deaf' com letra maiúscula representa a comunidade usuária da Língua de Sinais Americana (ASL) e uma cultura diferente. O uso da palavra 'deaf' com letra minúscula trata das pessoas que não ouvem, seja qual for a sua identidade cultural. O termo vem sendo adotado por surdos de diversas nações. (83) 3322.3222

denominação Surdo-Mudo, pois a mudez é um tipo de patologia causada por questões ligadas às cordas vocais, à laringe ou ainda em função de problemas psicológicos ou neurológicos. A surdez não está absolutamente vinculada à mudez. (RAMOS, 2005, p.19)

Conforme a pesquisadora Lanne (1992), quando utilizamos o termo ‘mudo’ em ‘surdo-mudo’ não nos referimos somente a surdez ou a mudez, mas também a fraqueza da mente, haja vista que o surdo em sua história cultural já foi considerado deficiente do intelecto. No que se refere ao termo Deficiência Auditiva - D.A. os surdos a rejeita, pois ele o define segundo a sua capacidade em ouvir, reforçando o estereótipo que a fala e a audição refletem a função principal na vida ‘normal’ não evidenciando sua característica linguística. Essa terminologia vem sendo renegada pelos surdos por recordar as representações vinda da medicina que os consideravam doentes, incapazes, percepções que legitimam as práticas terapêuticas corretivas (SACKS, 1998).

Isolar o surdo é negar-lhe a língua de sinais. A identidade surda é construída fundamentada na diferença linguística. A língua de sinais é umas das principais marcas da identidade do surdo, visto que essa capta as experiências visuais, proporcionando ao surdo à aquisição do conhecimento universal (STROBEL, 2008). A língua possibilita a percepção de diferentes pontos de vista, troca de experiências facilitando o surgimento de reflexões e posições expondo novas ideias como instrumento de participação e renovações culturais que são geradoras de novas práticas de vida.

## **Metodologia**

O cenário do estudo foi a Clínica de Psicopedagogia das Faculdades INTA que está localizada a Rua Antônio Rodrigues Magalhães no Bairro Dom Expedito Lopes no município de Sobral – CE na direção da Doutora em Ciências da Educação Marisa Pascarelli Agrello. A Clínica de Psicopedagogia das Faculdades INTA atende gratuitamente estudantes da rede pública de ensino e estudantes matriculados nos cursos ofertados pela instituição. Os aprendentes da clínica, quando necessário, são acompanhados pela equipe multidisciplinar que são compostas por Psicólogo, Fonoaudiólogo, Psicopedagogo e Pedagogo.

O presente estudo apresenta-se nesse trabalho, como um relato de experiências dos atendimentos de dois estudantes surdos, caracterizando-se uma pesquisa qualitativa e estudo de caso que segundo Yin (1994, p. 225) “o estudo de caso pode ser conduzido para um dos três propósitos básicos: explorar, descrever ou

ainda explicar”, sendo um matriculado em um Curso na área da Educação e outro em um Curso da área da Saúde.

Os atendimentos psicopedagógicos ocorriam semanalmente, com uma duração entre 40 (quarenta) a 50 (cinquenta) minutos. Os atendimentos procederam em quatro fases. Na primeira foi realizada uma anamnese com a família com o intuito de conhecer a história de vida do aprendente. Na segunda foi realizada uma avaliação nos lócus investigativos, sem a intervenção psicopedagógica. Na terceira fase realizou-se a devolutiva evidenciando os dados do aprendente nas três áreas: pedagógica, cognitiva e afetivo-social (WEISS, 1992). Na quarta fase, realizaram-se intervenções de caráter mediador no processo inclusivo sócio educacional, no processo de ensinagem, na compreensão da leitura e da escrita da Língua Portuguesa e do uso da Língua de Sinais e encaminhamento ao Fonoaudiólogo (relacionado ao caso do aprendente do Curso da Saúde).

## **Resultados e Discussão**

A IES apresenta-se aberta para receber e acolher pessoas com deficiência; seus ambientes encontram-se adaptados para receber estudantes com deficiência, pois possuem rampas de acessos, ambientes comuns, salas e banheiros adaptados, bem como mobiliários e recursos referentes as áreas que os profissionais atuam. Contudo, é notório evidenciar que construir um espaço inclusivo vai além das fronteiras físicas, em um ambiente institucional, a comunidade deve querer estar plenamente envolvida com a concepção inclusiva, independente da função que vir desempenhar na instituição escolar, para com o objetivo que todos os alunos com deficiência se sintam pertencentes a esta comunidade.

A IES possui uma Clínica de Psicopedagogia que atende os estudantes da instituição bem como os de instituições públicas e privadas da região. Todos os profissionais da educação e suas respectivas coordenações conhecem o trabalho da Clínica de Psicopedagogia que desenvolve atendimentos de orientação educacional, anamnese, avaliações, diagnósticos e intervenções, bem como mediações no processo de ensinagem dos professores e aprendizagem alunos da instituição, quando solicitado.

Foi encaminhada a Clínica de Psicopedagogia dois casos de estudantes surdos, um do Curso da área da Saúde e outro da Educação. As referidas coordenações encaminharam com a queixa de que os mesmos possuíam dificuldades no processo de aprendizagem. O primeiro caso aqui apresentado foi encaminhado pela

coordenação de seu curso na área saúde; ao fim do primeiro período, com a queixa de que não compreendia os conteúdos de sala de aula, pois não ouvia, mesmo com o aparelho auditivo, tinha dificuldades de realizar leitura labial, era tímido e por isso não conseguia se expressar em sala de aula, não tinha domínio dos conteúdos dos livros e artigos que lhes eram exigidos para realizar atividades, trabalhos e provas.

No primeiro caso a família do estudante foi chamada para a realização de anamnese e a mesma não se apresentou por indisponibilidade de tempo nos horários disponibilizados pelo psicopedagogo designado a atender o caso. A anamnese foi realizada com a coordenação do curso e as demais dúvidas foram tiradas por telefone com a família, bem como com o próprio estudante no decorrer dos atendimentos.

O estudante A.R. chegou à Clínica de Psicopedagogia das Faculdades INTA para avaliação apreensiva, pois estava com dificuldades de compreender os professores em sala de aula, visto que possui um déficit auditivo severo a profundo e por fazer uso da leitura labial ficava quase que impossível compreender os conteúdos explanados pelos professores já que os mesmos nem sempre se lembravam de olhar para ela enquanto se pronunciavam. A dificuldade na leitura e na escrita de A.R. também a aflige, visto que, no Ensino Superior, os textos estão em linguagem e escrita acadêmica, portanto, mais complexos e a mesma sente dificuldade na compreensão de diversos termos da área da saúde, termos que esta não está acostumada a ouvir, ou seja, não faz parte de seu vocabulário usual. Sempre preocupada e ansiosa por respostas, A.R. manteve um ótimo relacionamento com o terapeuta durante seus atendimentos. (Devolutiva do estudante A.R)

O estudante não conhecia a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e informava que: *“não tenho interesse em aprender, pois a família não achava legal e não preciso, pois não sou surdo, tenho apenas uma dificuldade em ouvir e já uso o aparelho auditivo e estou na fila para fazer o implante coclear, logo eu estarei bem”* (estudante A.R).

No decorrer da avaliação psicopedagógica a Libras não era utilizada, mas sempre era mencionada como um fator importante para a comunicação, interação e aprendizado do surdo, mas quando o assunto era inserido o estudante mudava de assunto ou ficava apático a ele. Diversas ferramentas educacionais foram utilizadas no processo de avaliação para diagnóstico, dentre elas o filme *O Milagre de Anne Sullivan* de 1962, que foi sugerido para apreciação e reflexão; quando solicitado relato e reflexão sobre a obra o estudante abordou todas as dificuldades de Hellen Keller, apresentou uma reflexão sobre a cegueira, mas não percebeu a surdez de Hellen.

No decorrer do processo de Avaliação Psicopedagógica algumas reflexões foram realizadas e destacamos aqui as palavras do profissional para melhor compreensão. No que se refere à leitura observou que o aprendente realiza uma leitura com dificuldade, mas compassada, demonstrando um pouco de insegurança,



equivocando-se em algumas palavras, apresentando uma rápida compreensão do texto estudado, porém logo o que fora lido passa pelo esquecimento visto que não compreende alguns termos técnicos empregados no texto, mas com esforço consegue explicar, sempre recorrendo ao mesmo para buscar demais informações que já esquecera. O aprendente tem uma grafia legível, percebe-se que sua produção textual é demorada, pois tem dificuldade de encontrar os termos adequados ao que quer expressar, apresentando uma dificuldade de organização da escrita das palavras. Na recontação de texto esquece detalhes importantes do que leu ou assistiu deixando informações importantes fora do novo texto.

Em relação ao seu desenvolvimento educacional o aprendente queixa-se de pouca memória, em estudo de textos apresenta rápida compreensão, porém o texto estudado logo passa pelo esquecimento, por não compreender o significado das palavras à leitura lhe causa enfado, cansaço e desânimo. Em sua área de estudo sofre pela falta de compreensão dos termos técnicos empregados em textos, assim como suas fórmulas.

Após a Avaliação Psicopedagógica foi proposta Intervenção Psicopedagógica com objetivos de serem trabalhados os componentes fundamentais para auxiliar a sua aprendizagem, tais como leitura compreensiva e escrita; Avaliação Psicológica com objetivo de avaliar a área emocional, trabalhando a autoestima e superação de suas próprias dificuldades evidenciadas por ele mesmo durante o processo avaliativo; Avaliação com o Fonoaudiólogo a fim de trabalhar a sua impostação de voz, tirando os atropelos em sua fala e diminuindo a pronúncia equivocada das palavras e acompanhamento pedagógico.

O aprendente possui um vocabulário limitado por conta de sua oralização, expressando-se, em alguns momentos, de forma incompreensível, assim como na maioria das vezes não compreende nossa fala, por ter dificuldades na leitura labial em falas mais rápidas. Contudo, faz-se necessário que o aprendente seja avaliado por um profissional fonoaudiólogo para uma avaliação e correção de sua fala, visto que é estudante universitário e precisa ter uma boa dicção, esta que por muitas vezes não é compreendida.

Destaca-se que o estudante possui muitas habilidades que poderão ser trabalhadas, para superar suas dificuldades. O aprendente consegue fazer com limitações as atividades propostas, demonstra insegurança questionando repetidamente o que é para ser realizado, perguntando se a atividade está correta, mas desempenha bem o que lhe foi proposto e evidencia insegurança e baixa autoestima, pois não acredita em seu próprio sucesso. O emocional do aprendente precisa ser trabalhado no que diz respeito à segurança, a trabalhar a autoestima, a autonomia para aprender, para que não



se sinta incapaz de conseguir seus objetivos. O emocional do aprendente está comprometido no que diz respeito à autonomia para aprender, sente medo do novo, medo de errar, deixando-o com autoestima baixa, sentindo-se incapaz de conseguir. Sua aprendizagem acontece num ritmo mais lento.

Contudo o aprendente demonstrou-se colaborativo e interessado em seus estudos, sendo educado, afetuoso, colaborativo com as atividades, mostrando-se interessado e curioso com as atividades propostas, sempre perguntando o em que a atividade iria lhe auxiliar, desempenhando-se a solucionar o proposto.

O estudante do segundo caso chegou a Clínica voluntariamente, pois após realizar sua matrícula veio questionar a necessidade de um Intérprete de Libras para lhe acompanhar nas atividades de sala de aula, já que em sua prova de admissão na IES tinha um ILS. Nesse primeiro contato queixou-se de suas dificuldades no processo de leitura e escrita, enfatizando que essa dificuldade limitava seu desenvolvimento nos estudos propostos pelos professores no Ensino Fundamental e Médio e acreditava que iriam persistir no Ensino Superior. Solicitamos que a família se apresentasse a Clínica para um primeiro contato e contamos com a presença de seu irmão que fazia uso da Língua de Sinais na comunicação com o aprendente e que por diversas vezes era seu Intérprete em repartições públicas e privadas da sociedade.

Libras era a forma de comunicação utilizada pelo aprendente e terapeuta em todas as sessões. No decorrer do processo de Avaliação Psicopedagógica algumas reflexões foram realizadas e destacamos aqui as palavras do profissional para melhor compreensão.

No que se refere à leitura:

O aprendente realiza uma leitura com dificuldade, desconhece muitas palavras da Língua Portuguesa, demonstra insegurança, frustrando-se por diversas vezes por não conseguir realizar a leitura de textos. Os textos eram simples, muitos em nível de 3º ano do Ensino Fundamental e outros de caráter acadêmicos, nos textos acadêmicos pouco conseguia em relação a leitura. Quando o texto era traduzido havia compreensão do mesmo e discussões calorosas acerca dos temas expostos, mas sempre recorrendo ao mesmo para buscar demais informações que já esquecera. O aprendente tem uma grafia legível, percebe-se que sua produção textual é demorada, pois tem dificuldade de encontrar a escrita para os termos que quer expressar, apresentando uma dificuldade de organização da escrita das palavras. Na recontação de texto omite detalhes importantes do que leu por não conhecer algumas palavras, na recontação de vídeos demonstra segurança e repassa todas as informações. (Devolutiva do estudante C.S.)

Em relação ao uso e percepção da Língua de Sinais o aprendente faz um bom uso da língua, é engajado na Comunidade Surda da Região, participa de todos os eventos realizados na região, porém sua timidez o inibe em diversas situações. Em sala de aula ensina os colegas a sua língua, bem como incentivou a todos participarem de eventos na área da educação de surdos e ensino de Libras. Quando lhe foi

repassado filmes e vídeos em Língua de Sinais sua compreensão foi satisfatória.

Em relação ao seu desenvolvimento educacional o aprendente queixa-se da dificuldade da leitura e da produção textual. Fica feliz com o relacionamento dos colegas e interesse dos mesmos na Língua de Sinais. Relaciona-se bem com os professores, mas entristece-se com alguns que conhece Libras e não se comunica com ele ou tira um tempo para eles mesmos explicarem o conteúdo, pois acredita que se o professor da disciplina os explicasse a compreensão seria mais satisfatória.

Após a Avaliação Psicopedagógica foi proposto intervenções com objetivos de serem trabalhados os componentes fundamentais para auxiliar a sua aprendizagem, tais como leitura compreensiva e escrita e acompanhamento pedagógico para fortalecimento de suas habilidades.

O aprendente possui muitas habilidades que poderão ser trabalhadas, para superar suas dificuldades, consegue fazer as atividades que são propostas, mesmo demonstrando insegurança perguntando repetidamente o que é para fazer e se a atividade está correta. Desempenha bem o que lhe foi proposto evidenciando insegurança e baixa autoestima, pois não acreditando em seu próprio sucesso. O emocional do aprendente precisa ser trabalhado no que diz respeito à segurança, a autoestima, a autonomia para aprender, para que não se sinta incapaz de conseguir seus objetivos.

O aprendente apresentou dificuldades em diversas atividades propostas no que se refere à atenção e concentração. Por mais que mostrasse interesse, desejo em prosseguir e ter bom desempenho com as atividades, em algumas, no nível de percepção deixou passar detalhes cruciais, mostrando-se não perceptivas, aos mais importantes. Quanto a sua organização não busca a perfeição, sempre com justificativas de que a atividade é difícil.

## **Conclusão**

Ao conhecermos o estudante do primeiro caso percebemos que o mesmo se encaixava nos estudos de Identidade Surda (PERLIN, 2002) e com o contato com o mesmo e sua família pudemos concluir que ele se encaixava na Identidade Surda Flutuante, pois não tem contato com a comunidade surda. O presente não participa da comunidade surda, desconhece e rejeitando a Libras e a presença de ILS, possui orgulho de falar ‘corretamente’, sendo vítima da ideologia oralista, da educação clínica. Características que são associadas à Identidade Surda Flutuante (PERLIN, 2002).

O aprendente do primeiro caso passou pelo procedimento do Implante Coclear durante os atendimentos e afastou-se da IES por um

determinado tempo e quando voltou sentiu mais dificuldade, pois novos sons eram percebidos por sua audição e ele não os reconhecia, portanto a sua relação com o processo de ensinagem e de interação com professores e colegas de sala tornou-se mais complicado.

O estudante continua com dificuldades em seu estudo, mesmo com o acompanhamento pedagógico e com as intervenções psicopedagógica, pois sua ausência constante dificulta seu progresso, a Clínica de Psicopedagogia e o acompanhamento pedagógico só são procurados quando o fim do semestre se aproxima o que torna impossível o progresso acadêmico do estudante em tão pouco tempo o levando a reprovação de diversas disciplinas de seu curso.

O estudante do segundo caso apresenta, conforme Perlin (2002) uma Identidade Surda, pois é conhecedor da Língua de Sinais e a utiliza para se perceber e perceber o mundo a sua volta. Dentre as diversas características associadas a essa Identidade destacamos sua experiência visual que determina seu comprometimento e interesse com a Comunidade, Cultura Surda e a Libras. Aceitando-se como surdo e assumindo comportamento de pessoas surdas necessitando de ILS, educação diferenciada, sendo atendido e compreendido em Libras. Mesmo desenvolvendo-se bem em seus estudos, conseguindo boas notas e aprovação nas disciplinas cursadas o estudante do segundo caso abandonou seus estudos por questões financeiras e dedicou seu tempo a trabalhar para ajudar financeiramente a família.

Podemos concluir que o estudante com Identidade Surda, apesar de suas dificuldades no processo de leitura e escrita apresentava facilidade na socialização entre professores e colegas de curso, bem como bom desempenho nos estudos. O estudante com Identidade Flutuante, além de as dificuldades no processo de leitura e escrita apresentava dificuldades de socialização com professores e colegas de curso, bem como desempenho abaixo do esperado para os matriculados no curso.

Percebemos com a atuação psicopedagógica que os profissionais, coordenações e familiares encaminharam os estudantes surdos à Clínica de Psicopedagogia depositando total responsabilidade no profissional psicopedagogo no que se refere ao sucesso do aprendente surdo, esquecendo que todos fazem parte do sucesso escolar. A família é o apoio central do estudante surdo e a não aceitação do Ser Surdo pela família e pelo próprio aprendente poderá afetar o seu processo de ensinagem. O psicopedagogo depende de diversos profissionais, inclusive dos professores e familiares que acompanham o aprendente para fornecer um ambiente educacional que proporcione o processo de ensinagem.

## Referências

- COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- BOSSA, Nádia Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.
- LANE, Harlan. **A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- PADDEN, Carol e HUMPHRIES, Tom. **Deaf in américa: voices from a culture**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- PAIN, Sara. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- \_\_\_\_\_. **O significado de aprender o número**. In: Encontros com Sara Paín. PARENTE, S. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda., 2000.
- PERLIN, Gladis. **As Identidades Surdas**. Revista da FENEIS, Ano IV, n. 14 abr./jun. de 2002.
- \_\_\_\_\_. **Identidades surdas**. In Skliar Carlos (org.) *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade**. Tese de doutorado. UFRG. 2003.
- RAMOS, Clélia Regina. **A diferença entre surdo e surdo-mudo**. <http://www.diariosurdo.com.br/noticiantiga/noticia37.htm> / acessado em: 25/05/2017.
- SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: Uma Viagem ao Mundo dos Surdos**. Tradução: Laura Teixeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SKLIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
- STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.
- WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- YIN, Robert. **Case Study Research: Design and Methods**. 2ª Ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 1994.